



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

QUILOMBISMO URBANO E A FEIRA LIVRE: TERRITORIALIZAÇÃO NEGRA E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NO TOMBA, FEIRA DE SANTANA

Mara Rosane Dias Goulart¹

Abimael Oliveira Silva²

Gabriela Santiago Xavier³

Resumo: O presente artigo aborda o fenômeno do Quilombismo Urbano no bairro periférico do Tomba, em Feira de Santana/BA, buscando refutar a leitura do território apenas como uma área de carência e marginalidade. A pesquisa interroga como a população negra resiste à segregação socioespacial e produz seu próprio espaço, reivindicando o Direito à Cidade. O trabalho argumenta que a exclusão no Tomba é resultado da forma como o sistema capitalista utiliza a Raça para hierarquizar a Classe, tornando o território um campo de disputa simultânea de pertencimento social e racial. A resistência negra contemporânea no Tomba é analisada por três eixos de autogestão e autonomia : (i) Territorialização pela Ocupação, onde a autoconstrução e a "irregularidade" da forma urbana constituem uma "ordem espacial negra"; (ii) Resistência Identitária pela Fé, na qual os terreiros de Candomblé (como o Ilê Axé Odê Tuquê) funcionam como instituições políticas e vetores de Conservação Imaterial (Afoxé Flor de Ijeá); e (iii) A Feira Livre do Tomba, entendida como uma Economia da Resistência que garante a subsistência e a autonomia econômica do aquilombamento. Conclui-se que o Tomba é um território ativo de produção cultural, ancestralidade e organização autônoma.

Palavras-Chave: Quilombismo Urbano; Resistência Negra; Territorialização; Direito à Cidade; Feira Livre.

¹ Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC e professora ACT na área de Educação Quilombola. Vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFBA).

e-mail: talismara2024@gmail.com

² Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA, especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Anísio Teixeira (FAT) e graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UNIFACS. Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFBA).

e-mail: abimael14silva@hotmail.com

³ Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA e técnica em Edificações pelo IFBA. Vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/UFBA)..

e-mail: gabisantiago03@outlook.com



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Abstract: This article addresses the phenomenon of Urban Quilombism in the peripheral neighborhood of Tomba, in Feira de Santana/BA, seeking to refute the interpretation of the territory merely as an area of need and marginality. The research interrogates how the black population resists socio-spatial segregation and produces its own space, claiming the Right to the City. The work argues that exclusion in Tomba is the result of the way in which the capitalist system uses Race to hierarchize Class, making the territory a field of simultaneous dispute over social and racial belonging. Contemporary black resistance in Tomba is analyzed along three axes of self-management and autonomy: (i) Territorialization through Occupation, where self-construction and the "irregularity" of urban form constitute a "black spatial order"; (ii) Identity Resistance through Faith, in which Candomblé terreiros (such as Ilê Axé Odê Tuquê) function as political institutions and vectors of Intangible Conservation (Afoxé Flor de Ijeá); and (iii) The Tomba Free Market, understood as an Economy of Resistance that guarantees the subsistence and economic autonomy of the quilombamento. It is concluded that Tomba is an active territory of cultural production, ancestry and autonomous organization.

Keywords: ethno-racial relations; architecture; heritage; African and Afro-Diasporic cities.

Introdução

O presente trabalho aborda um estudo sobre o fenômeno do quilombismo urbano, tomando como objeto de análise um bairro periférico da cidade de Feira de Santana, na Bahia. Este artigo busca, por meio de referências bibliográficas e de conceitos teóricos, justificar e discutir a presença negra nas cidades. O recorte adotado refere-se ao bairro Tomba, a partir das seguintes indagações: Que histórias podem ser contadas a partir da vivência e da experiência da população negra em um bairro periférico? Quais são os enfrentamentos vividos? O que se cultiva nessas localidades? A geometria do bairro — seus becos, ruas, vielas — seguem uma lógica espacial planejada ou é fruto da autoconstrução? Mesmo na aparente irregularidade da forma urbana, haveria uma lógica simbólica? Essas são perguntas que pairam sobre o campo de discussão deste artigo busca-se compreender a presença e a representatividade negra nas comunidades, que configura as camadas existenciais e resistência nesses espaços, sua produção cultural, organização econômica e, sobretudo, sua morfologia urbana. As inquietações iniciais nos induz a perceber as fronteiras físicas e simbólicas que separam esses “guetos” das demais localidades da cidade de Feira de Santana.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

A cidade não é um espaço neutro, é um local de intensa disputa de poder e que é socialmente construído para expressar interesses políticos e privados dos grupos dominantes que está diretamente vinculado à dinâmica histórica de conflitos de classe, raça e poder e que cooperam com a reprodução de hegemonias políticas, econômicas e sociais. Conforme o conceito de Campos (2005), as favelas não são um acidente no processo de urbanização, elas são o resultado de um projeto social e político. Segundo Henri Lefebvre (1974):

Eles efetuam 'sintagmaticamente' a ligação das atividades no espaço social como tal, quer dizer no espaço economicamente gerido pelo capital, socialmente dominado pela burguesia, politicamente regido pelo Estado. (LEFEBVRE, 1974, p. 312).

Em outras palavras, o espaço urbano é produzido pela classe dominante e é consolidado seguindo as dinâmicas hegemônicas que mantém a reprodução capitalista e racializada carregando as marcas dos conflitos que atravessam a sociedade em cada momento histórico. Introduzindo o conceito de luta de classes que permanece central para a compreensão das disparidades urbanas conforme sintetizado por Marx:

A contribuição de Marx foi tripla. Em primeiro lugar, ele argumentou que toda história é a história da luta de classes. Em segundo, apontou para o fato de que uma classe an sich [em si] não era necessariamente uma classe für sich [para si]. Em terceiro, deu argumentos para demonstrar que o conflito fundamental do modo de produção capitalista se dava entre burgueses e proletários, entre os proprietários e os não proprietários dos meios de produção. (Wallerstein, 2021, p.188).

Conforme cita Wallerstein (2021) sobre as três contribuições de Karl Marx, esse cenário está presente na cidade de Feira de Santana. A cidade não surgiu naturalmente ou de forma neutra, ela foi moldada pela disputa entre classes sociais e a produção do espaço urbano é dominada pelos interesses da



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

"burguesia". As elites se apropriaram das áreas centrais mais valorizadas, enquanto as classes populares foram empurradas para as periferias, esse processo não foi acidental, é resultado do conflito de interesse sobre o espaço urbano.

A arquitetura e o urbanismo, tradicionalmente vistos como campos técnicos, na verdade são meios de expressão de poder social, econômico e simbólico. Ao projetar espaços, regular acessos, desenhar fluxos e os usos da cidade, esses campos criam e consolidam hierarquias. De um lado temos as classes populares, sem acesso ao capital ou ao mercado formal e que constroem suas vidas nas brechas (ocupações, autoconstrução, favelas) e do outro temos a burguesia urbana que molda a cidade para seus interesses (shopping centers, condomínios fechados, metrô seletivos).

Talvez a posição das favelas e seus congêneres no espaço social brasileiro tenha a ver com o fato de o poder de segregação das nossas elites econômicas e intelectuais, todas brancas, por meio do qual asseguram e legitimam a distância e as desigualdades sociais que as separam e diferenciam do "povo, todos negros ou quase negros", concretizar-se por outras instituições sociais que prescindem do isolamento territorial dos pobres. Por essa razão, a organização das nossas grandes cidades segue um modelo que combina proximidade física e distância e separação sociais, pois cada um sabe exatamente o seu lugar no espaço social. (RIBEIRO, 2021, p. 16).

Em diálogo com Ribeiro (2021) percebe-se que esses agentes organizam o espaço urbano, definem não apenas fluxos e formas, mas também produzem exclusões, segregações e hierarquizações que favorecem a reprodução dos privilégios de classe e raça. O projeto da cidade é, assim, simultaneamente um projeto político, econômico e simbólico, em disputa permanente entre interesses dominantes e resistências populares. No contexto de Feira de Santana, a



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

arquitetura e o urbanismo também têm operado para apagar memórias negras e indígenas e afirmar uma estética branca, europeizada e elitista como padrão.

Portanto, a cidade pode ser compreendida como um projeto intencional, que materializa interesses específicos e reproduz desigualdades estruturais. Interrogar a cidade enquanto espaço de disputa é condição fundamental para visibilizar as resistências que emergem dos territórios subalternizados, resgatando epistemologias afro-referenciadas e práticas urbanas contra-hegemônicas.

A exclusão socioespacial na cidade de Feira de Santana está profundamente enraizada nas interseções de classe e raça. Impulsionada por desigualdades estruturais e pela ineficácia tanto do Estado quanto do mercado em promover a integração dos grupos marginalizados, essa exclusão se manifesta como uma marginalização urbana aguda. Tais processos de segregação e precariedade estão intimamente ligados ao passado colonial e são agravados pela violência e omissão do próprio Estado que segundo Wacquant (2021)

surgiram - ou intensificaram-se - na cidade pós-fordista como resultado não do atraso, mas das transformações desiguais e desarticuladas dos setores mais avançados das sociedades e economias ocidentais, à medida que repercutem nos extratos mais baixos da classe trabalhadora e nas categorias etnorraciais dominadas (WACQUANT, 2021, pag. 165).

Todavia, é importante entender o bairro do Tomba a partir de uma construção social racializada que em concordância com Balibar e Wallerstein (2021) envolve discutir “raça”, “nação” e “classe” como categorias que não devem ser analisadas de forma separada; elas são como três óculos diferentes que servem para observar o mesmo fenômeno.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Ambos autores Balibar e Wallerstein (2021), definem que “raça”, “nação” e “classe” são categorias interligadas, que foram construídas socialmente para sustentar a dominação no sistema-mundo capitalista: a “Classe” determina a posição econômica, mas é fragmentada e hierarquizada pela “Raça”, que, por sua vez, é uma invenção usada para segregar e explorar a força de trabalho; e a “Nação” atua como uma "etnicidade fictícia" controlada pelo Estado que unifica ideologicamente, escondendo o racismo estrutural e as profundas divisões de classe e raça, o que torna a luta pelo Direito à Cidade, uma reivindicação simultânea de pertencimento social, racial e territorial.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é identificar e analisar os processos urbanos que envolvem o Tomba, bairro periférico de Feira Santana, discutindo a relação do indivíduo negro com o espaço que ocupa e apontando paralelos históricos com a estrutura e organização dos quilombos que serviram de resistência durante e após a escravidão. O foco é produzir conteúdo acadêmico a partir da vivência da população negra no espaço, ou seja, gerar conhecimento a partir da perspectiva de quem vive e extrai do espaço comum elementos para a construção identitária.

O bairro como construção social racializada

O bairro do Tomba é um dos mais populares e adensados de Feira de Santana, destacando-se tanto por sua importância histórica e comercial quanto pelos desafios sociais e de infraestrutura que enfrenta. O bairro representa uma típica área de grande concentração urbana em um centro regional importante do estado da Bahia, atuando como uma área com forte dinâmica própria a partir da Feira Livre, mas que lida com a periferização interna, este cenário pode ser entendido de acordo com Almeida (2024) que dialoga com outros autores.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

A cidade de Feira de Santana, na Bahia, destaca-se como o maior centro urbano, político e comercial do interior do estado e um dos principais do Nordeste (Reis, 2019). O comércio informal, surgido das feiras livres, está em constante reorganização, com vendedores ocupando ruas e calçadas, muitas vezes fora dos padrões de formalidade (Teles, 2017; Montessoro, 2006). A Feira Livre do Tomba, em um dos bairros mais populosos, é um exemplo dessa dinâmica, sendo essencial para a economia local e a vida social, preservando tradições culturais. (ALMEIDA, 2024, p. 02)

Apesar de sua importância comercial, o bairro do Tomba enfrenta problemas com infraestrutura básica precária como a falta de limpeza, iluminação, pavimentação inadequada em suas ruas e falta de segurança. Esses fatores são reflexos da desigualdade sócio-racial e espacial que marcam as periferias, sobretudo pelo estigma territorial como uma modalidade de discriminação racial (WACQUANT, 2021) marcada pelo racismo, percebe-se que este não é um fenômeno acidental, mas um mecanismo estruturante da modernidade capitalista ocidental (MOORE, 2007).

As favelas surgem em consequência de uma crise habitacional (CAMPOS, 2005) e a segregação urbana em Feira de Santana não é apenas de renda, mas profundamente racial, onde as populações negras são empurradas para as áreas de menor infraestrutura e maior vulnerabilidade, como o bairro do Tomba que se torna estigmatizado como território de privação e abandono à serem evitados e temidos (WACQUANT, 2021).

O Tomba, com sua alta densidade populacional majoritariamente negra e de baixa renda é a materialização da segregação de classe e raça que estrutura a cidade de Feira de Santana. A precariedade material que se expressa nos déficits de saneamento, na vulnerabilidade sanitária e no estigma social, é a tradução da falha do Estado em garantir a cidadania plena a seus habitantes.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Quando se pensa na produção do espaço como o bairro do Tomba, tem-se um exemplo contundente que o espaço geográfico é, primariamente, um campo de disputa simbólica e material que se manifesta na tensão entre a centralidade econômica e populacional do bairro — à partir da sua produção material materializado na Feira Livre — e no estigma territorial e na precariedade — a disputa simbólica imposta pelo poder hegemônico — da qual resultam os bairros de exclusão (WACQUANT, 2021).

Ao examinar a organização social, a economia de subsistência e a organização política dos moradores do Tomba, revelamos uma continuidade histórica de resistência. A favela opera como um "quilombo urbano", um território de autonomia social onde se cultiva uma identidade de luta e resiliência contra as forças externas de criminalização e abandono estatal.

As ideologias racistas que assolam a comunidade do Tomba é um reflexo do período escravocrata, onde o fenótipo e a cor da pele são associados à inferioridade e que, mesmo após a abolição da escravidão continua a influenciar as relações sociais e as desigualdades (MOORE, 2007). Esse fator repercute na cidadania que é vivida de forma sucateada em que o Estado está presente seletivamente na forma de controle e repressão (segurança pública focada na violência letal, que atinge a juventude negra) em que a legislação urbana atua como um instrumento de poder e segregação (ROLNIK, 1997).

A geometria orgânica e autoconstruída das ruas e vielas no Tomba, são características que estão longe de ser mera desordem urbana mas, que simboliza a rejeição da lógica urbana hegemônica e a necessidade de se organizar para a subsistência.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Com a expansão da feira livre tomando nos dias atuais um raio de ação na área de cinco quilômetros, abrangendo as principais ruas e avenidas de Feira de Santana, surgiu uma série de transtornos na sua área urbana, como sufocamento do tráfego no centro e proliferação de bancas e barracas na mesma área, causando prejuízos ao aspecto urbanístico e concorrendo deslealmente com o comércio ali instalado. Por outro lado, essa feira livre é de significativa importância para a economia da cidade, pois para aqui convergem milhares de pessoas de mais de 80 municípios baianos que vêm efetivar compras no comércio, realmente o maior do interior do Estado, sem se falar em outras centenas de visitantes procedentes de outros estados que objetivam fazer turismo, deixando no comércio uma boa soma de dinheiro. (MOREIRA, 1997).

Os termos “sufocamento”, “proliferação” e “prejuízos” mencionados por Moreira (1997), é uma visão hegemônica equivocada que percebe o comércio popular e informal no Tomba como um problema urbanístico, e não como a materialização de uma centralidade econômica vital. Que estigmatiza sua forma de ocupação do espaço, refletindo a lógica da Marginalidade Avançada (WACQUANT, 2021) que desvaloriza a presença e a forma de produção dos trabalhadores de baixa renda no espaço formal da cidade.

Existe uma contradição com a presença da Feira Livre sendo vital para a economia, mas vista como um “prejuízo” urbanístico. Esse fator é o retrato da desqualificação constante da produção popular negra no espaço. De um lado tem-se um território onde a vida econômica da cidade está em expansão permanente e do outro há a contenção restritiva estatal de um local espacialmente adensado por pessoas majoritariamente negras. Contudo, limitar o Tomba à categoria de periferia carente ou zona de exclusão ignora a mais profunda e crucial dimensão da sua existência: a resistência intrínseca e a organização social forjada na autonomia construtiva e de subsistência.

A Feira Livre do Tomba não pode ser vista apenas como “centralidade econômica vital”, mas como um espaço de organização política, de subsistência



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

e de afirmação da identidade negra que rompe a lógica formal de mercado. A Feira Livre é o espaço onde a geometria autoconstruída encontra a economia autônoma. Para além da ótica da carência, a vivência da população negra no Tomba, sob regime de segregação espacial, revela uma poderosa capacidade de autogestão e formação identitária, exigindo uma chave de leitura que reconheça a memória de luta como princípio estruturante do território.

O território e o quilombo

O quilombo brasileiro tradicional que conhecemos como modelo de resistência e fortalecimento identitário não foi um movimento sem solidez e concentrada apenas em um local, ao contrário disso, como dito por Clovis Moura (1981):

tinham vários tamanhos e se estruturavam de acordo com seu número de habitantes. Os pequenos quilombos possuíam uma estrutura muito simples: eram grupos armados. As lideranças, por isso surgiam no próprio ato de fuga e da sua organização. (MOURA, 1981, p.17)

Os grandes quilombos chegaram a abrigar até vinte mil habitantes, entre negros e indígenas, evidenciando que suas funções iam além do caráter defensivo. Conforme ressalta Moura (1981, p. 17), "para seu núcleo convergiam elementos igualmente oprimidos na sociedade escravista: fugitivos do serviço militar, criminosos, índios, mulatos e negros marginalizados". Esse elevado povoamento pode ser explicado pelo caráter agregador dos quilombos, uma característica que fortaleceu relações de solidariedade fundamentais para sua solidificação e longevidade, bem como, para sua participação ativa nas revoltas negras urbanas em diversas regiões do Brasil (MOURA, 1981, p. 18).

Os anos 1807, 1808 e 1809 na Bahia, por exemplo, foram marcados por muitas insurgências e levantes que culminaram a formação de várias sociedades revolucionárias, como a sociedade dos EGBONI, um grupo de resistência que exerceu poderosa influência no processo de desgaste da escravatura.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Sucessivamente muitas outras revoltas foram sendo desencadeadas e igualmente reprimidas no poder do metal e da pólvora. (NASCIMENTO, 1980, p.51).

A leitura comparativa entre os quilombos tradicionais — originados, como mencionado, do movimento antiescravista — e os processos contemporâneos revela a continuidade de uma luta que se manifesta hoje de diferentes formas. Esse processo é visível nos atravessamentos territoriais impostos à população negra e periférica, assim como na afirmação do corpo negro no espaço. Observa-se, também, a intensificação de grupos militantes, a produção cultural e imagética nas periferias e no campo da arquitetura, o senso de delimitação espacial por meio da autoconstrução. O quilombismo contemporâneo assume diversas faces, todas voltadas a um objetivo comum: a liberdade dos oprimidos e a conquista de poder por meio da unidade de corpos que, outrora, foram tratados como mercadorias.

As configurações arquitetônicas, caracterizadas pela acentuação da escravatura, serviram de base para os movimentos de higienização das cidades brasileiras dos séculos XIX e XX. Esses discursos higienistas excluíam o negro e o pobre do cenário da cidade e sugeriam uma exaltação de doutrinas europeias sob a justificativa de combate a insalubridade — discurso paradoxal— considerando que os territórios marginalizados é compostos majoritariamente pela população negra desse país que encontravam-se e encontram entregue ao descaso e desassistência estatal (SODRÉ, 1988, p.43-48) entende-se assim, que a favela representa para sociedade republicana o mesmo que o quilombo representava para sociedade escravocrata (CAMPOS, 2005).



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

O caso de Feira de Santana vai além da barreira da segregação, implica também no apagamento histórico do negro como protagonista da construção dessa cidade sendo assim camuflado do cenário histórico pela maquiagem do discurso que se tem de uma cidade sertaneja, sendo assim este indivíduo é raramente ou nunca narrado como um “sertanejo negro”:

a partir da construção dessas narrativas, houve um reestabelecimento das memórias da Feira Sertaneja, mas também uma dissociação do sertanejo enquanto negro, favorecendo a continuidade do silenciamento em relação às experiências de trabalho, cultura e formas de vida desse segmento étnico-racial, que teve uma grande participação no crescimento e na formação da identidade da cidade.⁴ (RIBEIRO, 2020, p.36)

Este fenômeno pode ser percebido em vários momentos da narração historicista da cidade: quando apresentam a família branca e cristã como alicerce para a sua formação e, sobretudo, na não citação dos protagonistas negros dessa história — ou, quando o fazem, apresentam-nos sob a ótica da marginalização. Um exemplo disso é Lucas da Feira: herói para alguns, marginal inconsequente para muitos.

A trajetória de Lucas Evangelista dos Santos, o Lucas da Feira (1807–1849), revela de forma exemplar a disputa de narrativas sobre figuras negras na história brasileira. Enquanto parte da historiografia e do imaginário popular o constrói como “bandido” ou “cangaceiro” que ameaçava a ordem senhorial, outras leituras o reconhecem como herói popular e símbolo de resistência à escravidão, à opressão racial e à marginalização dos negros. Sua luta foi marcada pela busca da liberdade e pela proteção de pobres e negros, mas também por perseguições intensas que culminaram em sua prisão, mutilação e enforcamento público. Esse

⁴SAIA, Luis. Morada paulista. Perspectiva, 1972, p.69. Citado por SODRÉ. M. O Terreiro e a Cidade: a forma social negra brasileira. Rio de Janeiro: Vozes, 1988, p.40.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

embate em torno de sua memória explícita como o espaço urbano também se torna campo de disputa simbólica: se de um lado sua presença foi associada ao medo e à criminalização, de outro, sua lembrança resiste como marca da luta coletiva por liberdade e dignidade.

Nesse sentido, o exemplo de Lucas da Feira permite compreender que o Quilombismo Urbano, tal como proposto por Abdias Nascimento (1980), não deve ser reduzido a uma dimensão geográfica ou ao legado dos quilombos territoriais, mas compreendido como uma proposta política e histórica de resgate das experiências negras apagadas ou estigmatizadas, revertendo a lógica que transforma líderes insurgentes em marginais.

Na contramão desse discurso, Feira de Santana é uma cidade predominantemente Negra, tendo a sua população composta por aproximadamente 80% de pessoas autodeclaradas pretas ou pardas, segundo dados do IBGE (2022). Para além dos dados estatísticos, a produção cultural e imagética da maioria dos bairros periféricos de Feira de Santana é afrodiaspórica. São movimentos, principalmente associados a terreiros de candomblé e umbanda.

Abaixo, na figura 1, apresenta-se um compilado dos registros do desfile do afoxé Flor de Ijexá na Micareta de Feira de Santana. Este bloco afro está ligado a um dos terreiros mais antigos da cidade, o Ilê Axé Odè Tuquê, fundado por Mãe Nélia de Oxóssi (in memoriam) e atualmente liderado por Pai Eduardo de Oxóssi — seu herdeiro familiar e espiritual. A casa de nação Ketu, localizada no bairro Tomba, é um dos vetores de propagação da identidade negra, por meio da manutenção de valores e práticas ancestrais.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho



Figura 1: Desfile do afoxé Flor de Ijexá “Flor de Ijexá”. Fonte: Acervo autoral (2024)⁵

Nesse contexto, as instituições de matriz africana, como bloco afro Flor de Ijeá, que é também vetores de quilombamento e mecanismos centrais de conservação imaterial do território.

A articulação entre o terreiro e o Afoxé Flor de Ijeá estabelece a base para o Quilombismo Urbano em Feira de Santana. Ao invés de aceitar a geometria imposta pela norma urbana hegemônica (branca e europeizada), o Afoxé projeta nas ruas do Tomba uma ordem espacial africana que valoriza a coletividade e o movimento. Essa prática é, em essência, uma ação de conservação imaterial que assegura a manutenção de valores e práticas ancestrais, oferecendo uma resistência estética contra o urbanismo elitista.

⁵Montagem feita a partir de registros autorais no bloco Flor de Ijexá na micareta — afoxé ligado ao terreiro de candomblé do qual faz parte — de Feira de Santana (2024).



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Nessa perspectiva, a periferia é encarada como um continuum histórico e territorial dos quilombos (CAMPOS, 2005), em que tanto quilombos — aqui pode ser lido como terreiros de candomblé e umbanda — quanto favelas constituem espaços de resistência negra, igualmente sujeitos à estigmatização e criminalização por parte do Estado e das elites urbana em que nesses espaços também é possível encontrar significados simbólicos, sagrados e culturais como estrutura de resiliência.

A organização urbana e imagética afrodiaspórica, articulada aos terreiros, é a prova viva de que o Tomba não é apenas o resultado da exclusão, mas sim um lugar de produção cultural e ancestralidade, onde se cultiva uma identidade de luta contra as forças externas de criminalização e abandono estatal. Nessa perspectiva, tanto quilombos quanto favelas constituem espaços de resistência negra, igualmente sujeitos à estigmatização e criminalização por parte do Estado e das elites urbanas.

A composição da forma urbana a partir da afrodescendência

O espaço urbano sempre foi um instrumento da produção e perpetuação das desigualdades. Estas mazelas definiram e definem as fronteiras urbanas nas cidades brasileiras, delimitando os espaços ocupados por grupos privilegiados da branquitude, em detrimento das populações afrodescentes e outros grupos minoritários na sociedade, que acabam sendo segregados e mal assistidos pelas políticas públicas.

Ao se pensar o processo constitutivo destas múltiplas identidades brasileiras, na perspectiva das lutas por resistência e constituição de território, é necessário se voltar a autores cânones como Abdias do Nascimento e Clóvis Moura, por



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

exemplo. Quando se pensa na contemporaneidade, os autores Henrique Cunha Jr. e Muniz Sodré atravessam estes clássicos ao abordar com um olhar mais centrado na constituição das cidades e dos espaços delas destinados à população negra a partir dos desafios mais recentes, como gentrificação e cosmopercepção (OYEWYMÍ, 2018).

Henrique Cunha Júnior (2007 p.71), justifica que a definição do território predominantemente afrodescendente parte de uma construção histórica que depende de relações sociais e das fronteiras geográficas a que são impostas através da aproximação de indivíduos atravessados por interesses e dificuldades em comum. Sendo assim, os desafios enfrentados por determinados grupos da sociedade não apenas os aglutinam, como também definem ou tem o potencial de alterar morfologicamente o próprio espaço ao qual se apropriam.

No caso de Feira de Santana, na Bahia, assim como em outras cidades brasileiras, não se consegue perceber à primeira vista estes “muros urbanos” simbólicos que dividem estes espaços de ocupação e representatividade entre as classes favorecidas e desfavorecidas, entretanto, é possível perceber a partir dos elementos de ocupação e uso do espaço, como por exemplo: equipamentos e mobiliário urbano, acesso aos modais de transporte público, acesso à rede de esgotamento sanitário, planejamento urbano e, por fim, os diversos usos culturais destes territórios.

Esse território em seu simbolismo nos remete a estrutura tradicional dos quilombos. Um lugar de onde se acolhia pessoas de identidades e dialetos diferente — indígenas, branco, ex-escravizados — que possuíam uma percepção de mundo distinta, no entanto, prevalecia a existência de pessoas negras, portanto, um ambiente de resistência moldado por valores, práticas e



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

saberes ancestrais da cultura africana. Na filosofia africana o espaço é atemporal e não surge do nada, é influenciado pelas interações históricas, sociais, étnicas e religiosas, logo, esse lugar na perspectiva da influência cultural é resultado de “um conjunto dinâmico, em constante mudança com as formas simbólicas e formas materiais, criadas coletivamente” (CUNHA, 2007, p.72).

Apresenta-se aqui o ideal de continuidade, rebatida na arquitetura urbana dessas comunidades favelizadas, que são resultado do “conjunto dos repertórios culturais presentes nesse espaço” (CUNHA, 2007, p.72). Tanto a microarquitetura (casas, sobrados, puxadinhos) quanto a macro arquitetura (becos, ruas, vielas, praças) são componentes históricos resultantes da constante afirmação identitária desses territórios. Ou seja, mesmo na aparente aleatoriedade da formação de tais comunidades há a configuração de um bom senso, regido pelas noções de sobrevivência e pertencimento.

A macro e a micro arquitetura do Tomba se configura como a materialização de uma cosmopercepção (OYEWYMÍ, 2018) africana onde o espaço é atemporal, dinâmico e criado coletivamente. A desordem aparente dos becos e vielas é, na verdade, uma ordem espacial africana que prioriza a vizinhança, o coletivo e a sobrevivência em detrimento da funcionalidade “organizada” eurocêntrica.

O estudo evidencia que a cidade é mais do que seus arranjos físicos: ela é formada por práticas sociais, relações de poder e disputas simbólicas. Os territórios negros não apenas resistem à lógica excludente da urbanização eurocentrada, mas propõem alternativas na arquitetura espontânea, na oralidade, nos terreiros, nos blocos afro, nos corpos que ocupam as ruas e constroem sentido coletivo por meio do aquilombamento.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Resistências negras contemporâneas

O bairro do Tomba, não é apenas um espaço de carência ou segregação (WACQUANT, 2021), mas sim um território ativo de produção e resistência. As práticas de luta e organização da população negra de Feira de Santana constituem a materialização do Quilombismo Urbano (NASCIMENTO, 1980), traduzindo-se em ações que vão da disputa pela moradia à afirmação da identidade e da ancestralidade.

A memória dos quilombos – enquanto comunidades historicamente autônomas, organizadas e resistentes – encontra um reflexo contemporâneo nas favelas, as quais manifestam-se igualmente como espaços de reivindicação, criação e autonomia (CAMPOS, 2005). Contra o estigma socialmente imposto, a comunidade do Tomba produz uma identidade simbólica e de resiliência que se manifesta em sua forte cultura de feira e em sua organização social.

As resistências contemporâneas no Tomba manifestam-se em três eixos centrais que demonstram a autogestão e a autonomia frente ao Estado racista: (i) a territorialização pela ocupação; (ii) a resistência identitária pela fé (Terreiros e afoxés); e (iii) a Feira Livre do Tomba como um vetor de aquilombamento e resistência econômica.

1. A territorialização pela ocupação

O Tomba, assim como a sociedade brasileira, é fundado em princípios de liberdade e igualdade, mas historicamente praticou a exclusão (ALEXANDER, 2017). O bairro é o produto direto da exclusão planejada entre a riqueza branca e a pobreza negra (HENRIQUES, 2001 apud GARCIA, 2009, p. 17-19). Ao ser



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

negada à população negra periférica o acesso à cidade formal (com lotes regulares, infraestrutura e equipamentos públicos), a ocupação de áreas marginais (muitas vezes de risco ou geograficamente distantes tornou-se a única forma de acesso à moradia dessa população. Esse movimento de ocupação é a reivindicação prática do Direito à Cidade (LEFEBVRE, 1974), uma luta pelo valor de uso (o direito de habitar e existir) contra o valor de troca (a lógica de mercado que precifica o espaço e o torna inacessível).

A forma urbana do Tomba, caracterizada por becos, vielas e uma aparente "irregularidade", é a materialização dessa resistência. Longe de ser um mero produto do caos, essa geometria autoconstruída é uma ordem espacial negra (CUNHA, 2007) que serve à vida comunitária. A organização do espaço urbano reflete a história de escravidão, do racismo e da exclusão, e se perpetua através das desigualdades entre brancos e negros (GARCIA, 2009). O ato de erguer a própria casa e desenhar a rua é, portanto, uma declaração de autonomia e uma rejeição prática à estética e à funcionalidade eurocêntrica do urbanismo hegemônico.

O bairro do Tomba, assume o papel de território de resistência onde a autonomia e a autogestão são forçadas pela omissão e hostilidade da nação (BALIBAR; WALLERSTEIN, 2021). Mesmo sem leis de segregação formal, a separação racial nas cidades se expressa no acesso desigual à moradia, educação, serviços e bens urbanos (GARCIA, 2009). A ocupação do território pela Feira Livre e a luta pela infraestrutura são, em sua essência, a luta pela garantia da longevidade e da soberania do quilombo contemporâneo. A territorialização pela ocupação é, assim, o alicerce material que sustenta a resiliência e resistência identitária, a organização política e a cultura do Tomba.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

2. A resistência identitária pela fé

A religião de matriz africana transcende a esfera da fé, consolidando-se como uma instituição social e política que organiza a resistência do quilombo urbano. Essa manifestação é crucial na disputa contra a expansão urbana segregacionista, pois articula redes comunitárias e desafia o projeto de exclusão territorial imposto por agentes do mercado imobiliário e do poder público. Os terreiros, bem como os quilombos, são representações de expansão urbana que vai além dos ritos sagrados.

A capacidade de resistência e longevidade do bairro Tomba não reside apenas na luta material por infraestrutura ou na ocupação fundiária, mas também, e de modo crucial, no eixo espiritual e ancestral que estrutura a vida comunitária. Essa resistência da população negra no Tomba é inseparável de sua dimensão espiritual e ancestral, materializada nas casas de culto de matriz africana. Os terreiros de Candomblé, como o Ilê Axé Odè Tuquê, transcendem a esfera religiosa para se consolidarem como instituições de resistência política e cultural e vetores de Conservação Imaterial do território, conferindo ao bairro do Tomba o estatuto de um verdadeiro quilombo urbano contemporâneo.

No contexto de um urbanismo segregacionista que impõe o caos e a desordem à periferia negra, o terreiro é o centro que irradia uma percepção espacial africana (CUNHA, 2007). Essa cosmovisão rompe com a dicotomia ocidental entre o sagrado e o profano, ligando inseparavelmente à comunidade à natureza e à ancestralidade. A religiosidade cultivada nesses espaços se torna o princípio ético e político que sustenta os laços de solidariedade. Ele é o código invisível que organiza a vida no bairro, transformando a aparente "irregularidade" da autoconstrução em uma ordem simbólica funcional à vida da comunidade negra.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Ao preservar ritos, línguas, danças e a memória dos ancestrais, a fé de matriz africana é a própria conservação imaterial do território. A prática religiosa e manifestações culturais a ela associadas, como o Afoxé Flor de Ijeá, são um ato contínuo de ativação da memória, impedindo que a narrativa hegemônica consiga apagar e demonizar a história negra do local.

O terreiro é o arquivo vivo que garante a continuidade histórica entre o quilombo do passado e a periferia do presente, sendo uma arma fundamental contra o esquecimento forçado desta população. Os terreiros de candomblé, a umbanda e os afoxés, fornecem à população negra um sentimento de pertencimento que é sistematicamente negado pelo Estado e pelo racismo estrutural. A luta pela liberdade de culto é inseparável da luta pelo território, pois preservar o terreiro é salvaguardar a alma e a soberania do quilombo urbano.

3. A Feira Livre do Tomba como um vetor de quilombamento e resistência econômica

Se a ocupação territorial provê a base material e o terreiro a resistência indenitária, a Feira Livre do Tomba é a expressão da resistência econômica do quilombo urbano. Nesse sentido, a Feira Livre não é apenas um comércio informal, mas uma instituição que nasce da necessidade e na autonomia econômica da comunidade negra.

A Feira Livre surge como uma resposta prática e imediata à marginalidade avançada (WACQUANT, 2001) e à exclusão do mercado formal de trabalho. Ela é o mecanismo pelo qual a população negra do Tomba, sistematicamente relegada aos postos de trabalho mais precários ou ao desemprego, consegue garantir a subsistência. Sob a ótica de Balibar e Wallerstein (2021), a Feira Livre



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

é a contra-economia que emerge das contradições do sistema capitalista, onde a raça determina a exclusão da classe dos espaços de acumulação formal, forçando a criação de circuitos econômicos próprios.

A Feira Livre demarca um território de autonomia econômica, funciona segundo uma lógica de preços, relações sociais e confiança que difere profundamente do mercado capitalista regulamentado. O espaço da Feira Livre, com sua dinâmica própria, é o lugar onde a subsistência e a autogestão da comunidade se manifestam no plano financeiro. Trata-se de uma Economia da Resistência que reforça os laços comunitários e a solidariedade, essenciais para o espírito do quilombo. É a demonstração de que a periferia negra é um lugar de produção e circulação de riqueza, e não apenas um espaço de carência.

Além de ser vital para a subsistência, a Feira Livre é um vetor cultural, conhecida tanto na cidade de Feira de Santana quanto em outros locais do estado da Bahia. Ela concentra e irradia a identidade negra, sendo um dos poucos espaços públicos onde a cultura e a sociabilidade do bairro podem ser afirmadas de forma massiva e desimpedida. O fluxo da Feira Livre atua, inclusive, na Territorialização, atraindo pessoas e recursos, e reforçando a centralidade do Tomba no mapa da cidade.

Resistências negras contemporâneas

Este artigo se propôs a analisar o bairro Tomba em Feira de Santana sob a chave do Quilombismo Urbano, refutando a sua leitura simplista como mero espaço de segregação e carência. A partir de uma lente teórica que demonstra a inseparabilidade entre Raça, Nação e Classe, demonstramos que a exclusão socioespacial do Tomba é o resultado de um projeto político intencional, mas que



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

a resposta da população negra configura uma poderosa práxis de resistência e autogestão.

O artigo reafirma a importância das periferias de Feira de Santana como espaços de resistência negra e de afirmação identitária, compreendidas à luz do conceito de quilombismo urbano. A partir de uma abordagem afro-referenciada, evidencia-se que esses territórios não são apenas frutos da exclusão, mas também lugares de produção cultural, ancestralidade e organização autônoma. Reconhecer os vetores de aquilombamento, como terreiros e movimentos sociais, é fundamental para entender a cidade para além do centro branco e elitizado. O artigo valoriza a autoetnografia e o protagonismo do sujeito negro periférico como agente de transformação. Como continuidade, propõe-se aprofundar o estudo de campo, ampliar os registros audiovisuais, realizar comparações com outras cidades e propor políticas públicas baseadas na realidade desses territórios.

O Tomba ativamente produz um Espaço de Resistência fundamentado em uma tríade de autonomia que materializa o aquilombamento contemporâneo: a Territorialização pela Ocupação é a reivindicação prática do Direito à Cidade, onde a autoconstrução das ruas e vielas se revela como uma "ordem espacial negra", rejeitando o urbanismo hegemônico; a Resistência Identitária pela Fé demonstra que a religião de matriz africana transcende o rito, com os terreiros de Candomblé funcionando como instituições políticas e vetores cruciais de Conservação Imaterial, garantindo a continuidade da memória e ancestralidade; e, por fim, a Feira Livre do Tomba constitui a Economia da Resistência, emergindo como uma "contra-economia" que assegura a subsistência e a autonomia econômica do quilombo contemporâneo.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

Em suma, o Tomba é a prova viva de que a periferia negra é um território ativo de produção cultural, ancestralidade e organização autônoma, sendo crucial que se reconheça e valorize o protagonismo do sujeito negro periférico como agente de transformação. Reconhecer esses vetores de quilombamento é crucial para compreender a cidade para além do centro branco e elitizado e para que se possa valorizar o protagonismo do sujeito negro periférico como agente de transformação.

Referencias:

ALEXANDER, Michelle. *A nova segregação: racismo e encarceramento em massa.* Tradução de Pedro Davoglio; revisão técnica e notas de Silvio Luiz de Almeida. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. ISBN 978-85-7559-555-8.

ALMEIDA, Juliana Rocha de. *Processo de requalificação da feira livre do bairro do Tomba em Feira de Santana-BA: para cidade ou para os feirantes.* In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL CIDADES MÉDIAS E PEQUENAS; SIMPÓSIO CIDADES MÉDIAS E PEQUENAS DA BAHIA, 1.; 7., 2023, Feira de Santana. Anais [...]. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2023. Disponível em: <<https://anais.uefs.br/index.php/cmpba/article/view/904>>. Acesso em: 09 out 2025

BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. *Raça, nação, classe: as identidades ambíguas.* Tradução de Wanda Caldeira Brant. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

BATISTA, P, C. *O quilombismo em espaços urbanos: 130 após a abolição.* Revista Extraprensa, v. 12, 2019, p. 398–416.

BULLARD, Robert. *Enfrentando o racismo ambiental no século XXI.* In: ACSELRAD, Henri; HERCULANO, Selene; PÁDUA, José Augusto (Orgs.). *Justiça ambiental e cidadania.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

CAMPOS, Andreilino. *Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro.* 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

CUNHA, H, Jr. Et al. *Espaço Urbano e afrodescendência: estudos da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas*. Fortaleza: Edições UFC, 2007, p.62-76.

GARCIA, Antônia dos Santos. *Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais: Salvador, cidade D'Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum*. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 544 p. ISBN 978-8576171577

IBGE. *Feira de Santana-BA: Cor e raça*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>. Acesso em: 10 set. 2024.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006. Disponível em: <https://gpect.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf>. Acesso em: 27 abr 2025

LUCAS DA FEIRA. *Prefeitura Municipal de Feira de Santana. Notícia*. Secom, Feira de Santana, [data da publicação]. Disponível em: <<https://www.feiradesantana.ba.gov.br/secom/noticias.asp?idn=14154>>. Acesso em: 14 out 2025.

MOREIRA, Vicente Deocleciano. *Projeto memória da feira livre de Feira de Santana*. Segunda fase – texto n. 3 outras palavras. Sitiantibus, Feira de Santana, n. 17, p. 305-335, jul./dez. 1997. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwikt8e19p6QAxV4qJUCHX-NFZAQFnoECBcQAQ&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.uefs.br%2Findex.php%2Fsitiantibus%2Farticle%2Fdownload%2F9690%2F8018%2F38327&usg=AOvVaw1Qyq4MS7IVk6-9II4xWQyR&opi=89978449>>. Acesso em 11 out 2025

MOURA, Clovis. *Os quilombos e a revolução negra*. 1.ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A.,1981, p. 16-44.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan africanista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980, p. 51-63.



SALVADOR E SUAS CORES [2025]
Patrimônios Africanos e Afro diaspóricos em Espelho

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. *Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos.* Tradução: Leonardo de Freitas Neto, UFRB. Revista do PPGCS, UFRB, Novos Olhares Sociais, Vol.1, nº2, 2018.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. *Prefácio.* In: **WACQUANT, Loïc.** Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada. [S.l.]: Revan, FASE, 2021. p. 13-17

RIBEIRO. S, L. *RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO MATERIAL PARADIDÁTICO: “A FEIRA NEGRA: Construindo nossas histórias”.* Dissertação (Mestrado Profissional Em História Da África, Da Diáspora E Dos Povos Indígenas) Universidade Federal do Recôncavo Baiano. Cachoeira, 2020, p.36.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo.* 1. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

WACQUANT, Loïc. *Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada.* Tradução de João Roberto Martins Filho et al. Rio de Janeiro: Revan: FASE, 2001.